

CONSELHO GERAL DA J.U.C.

13 Setembro de 1953

Propostas e sugestões da Direcção Geral às Direcções Diocesanas

I - Introdução

O Congresso da J.U.C. representou para o Organismo o início duma nova fase da sua vida. Pode dizer-se que, até agora, a J.U.C. não tinha feito senão preparar este período de actividades que o Congresso veio inaugurar. Antes de se lançar ao cumprimento da sua verdadeira missão, o Organismo tinha de se preparar, de ganhar fôlego, de adquirir robustez: foi o que conseguiu fazer.

Com efeito, que significou em concreto o nosso Congresso?

Significou:

- 1ª- a aquisição da doutrina acabada e incarnada que temos andado a procurar em todos estes anos de acção; sabemos agora como se relacionam, como se ligam católico e universitário; sabemos finalmente o que é um ideal "universitário católico";
- 2ª- deu-nos a conhecer, "abriu-nos os olhos" para a realidade universitária actual e aí revelou-nos:
  - a) por um lado, erros, incorrecções, deficiências, misérrimas de toda a ordem a combater por nós, porque opostas ao nosso ideal "universitário católico";
  - b) por outro, tendências, preferências, aspirações, gostos, etc., que podem ser aproveitados por nós para orientar toda a vida universitária e toda a reforma da Universidade num sentido cristão.

Pelo Congresso, adquirimos consciência, a um tempo, da nossa doutrina, (do que significam concretamente as exigências do catolicismo na vida universitária) e dos factos com que temos de defrontar-nos. À luz da doutrina, julgamos os factos. O Congresso foi, deste modo, instrumento de formação e primeiro passo duma acção eficaz e integralmente "universitária católica". Vimos e julgamos; falta-nos agir.

Que supõe este agir?

Supõe:



- a) que a doutrina seja profundamente conhecida: não bastam as "recordações" do Congresso; é preciso que cada dirigente, que cada militante, que cada jucista conheça a fundo por agora as conclusões do Congresso e mais tarde que reveja atentamente o que se disse e fez no Congresso pelo estudo atento das "actas";
- b) que haja, entre os dirigentes e militantes, plena consciência dos factos: também aqui não bastam as recordações das reuniões parciais; cada dirigente, cada militante tem o dever de meditar na documentação do Congresso, extrair daí lições para a sua acção pessoal, conclusões ou indicações ainda não vistas, etc.; às Direcções de Secção, a Direcção Geral faculta alguns dados apurados por Faculdades.
- c) que os jucistas em geral compreendam o verdadeiro sentido do apostolado universitário e sejam intensamente preparados por todos os meios para um trabalho verdadeiramente universitário; nesta ordem de ideias, há o seguinte:
- o tema do ano que a D. G. propõe será precedido por uma introdução sobre os fins e as tarefas do apostolado universitário;
  - em todas as Secções deve haver, no 1º período, uma reunião geral sobre o apostolado universitário;
  - nas discursos de abertura das actividades, dos cursos, etc.; nas palavras dos presidentes de Secção e do Rev. Assistente nas lãs. reuniões gerais ou círculos de estudo do ano; nas reuniões para apresentação dos programas de actividades; nos programas impressos das Secções; no "boletim do jucista" da Direcção Geral; na acção dos chefes de equipa, etc. deve insistir-se muito sobre a natureza concreta do apostolado universitário, sobre a intenção do tema do ano e das várias actividades e sobre a relação estreitíssima existente entre os problemas especificamente religiosos e os problemas especificamente universitários.

## II - O Tema geral

O tema geral a que a D. G. propõe seja subordinada a actividade da J.U.C. no próximo ano é:

Para uma Comunidade Universitária Cristã.

Trata-se, numa palavra, de levar o Congresso -quer dizer: a nossa





doutrina- ao nível de cada Faculdade, não como simples afirmação de princípios e de soluções genéricas, mas como contribuição valiosa para a resolução dos problemas da Universidade, nos seus aspectos mais palpáveis. Exemplo: disse-se no Congresso que é necessário estudar os capítulos de interesse cultural de certas cadeiras. Quere-se agora saber: quais são, em concreto, no I.S.T. , por exemplo, as disciplinas em que isso se verifica e quais são as matérias que falta estudar? Mais ainda: que possibilidades de tempo, de professores, etc., há de o fazer?

Pode perguntar-se: mas que tem isso com o apostolado? Ora o apostolado consiste essencialmente em quebrar as barreiras que impedem que as almas e Cristo entrem em contacto. É, porém, por força de certos defeitos da vida universitária, que por exemplo, os universitários são incapazes de raciocionar sobre certos problemas ou adquirir a simplicidade de alma necessária à conversão. Actuando sobre os defeitos da Universidade, estaremos a actuar sobre as causas de que sentimos os efeitos no plano religioso.

Este trabalho envolve, porém, um perigo evidente, contra o qual temos de nos assegurar:

- que tomemos tão grande gosto e interesse pelo estudo dos problemas especificamente universitários, pela reforma e renovação da Universidade em si, que esqueçamos o fim verdadeiro da nossa acção, que é abrir caminhos à Graça.

Isto significa que

- é absolutamente necessário intensificar e afervorar o aspecto estritamente religioso da vida do Organismo.

Uma acção mais intensamente universitária tem de ser também mais intensamente religiosa. Neste sentido, apontam-se algumas sugestões no capítulo respeitante à vida de piedade e litúrgica.

Um outro perigo menos iminente é o de se tender a perder o sentido da acção pessoal - entendida esta em dois sentidos: acção do indivíduo, acção sobre o indivíduo. Tal desvirtuamento atingiria o mais profundo da verdadeira acção universitária:

- a) por um lado, tudo o que se pretende fazer de pende do que forem os universitários pessoalmente ( e em particular os jucistas) e do esforço individual que quiserem desenvolver para se corrigir a si próprios, para ajudar os seus colegas, os professores e a própria instituição universitária a cor-

rigirem-se a si mesmos. Tomemos como exemplo os problemas de estudo; poderemos acaso conseguir maior sèriedade no trabalho dos estudantes, não começando nós mesmos por dignificar e melhorar o nosso estudo, não correspondendo às iniciativas dos professores ou não fazendo pressão moral sobre eles para que ensinem o que é preciso ensinar, forneçam os elementos de que carecemos para estudar bem, etc.?



- b) por outro lado, tudo o que nós pretendemos fazer na Universidade é, no fundo, por causa dos universitários, para que estes sejam o que devem ser, hoje como estudantes, amanhã como dirigentes da sociedade; se, portanto, agindo sobre a Universidade, esquecêssemos a conquista e a transformação pessoal dos universitários, estaríamos a tomar um meio (a Universidade) pelo fim (o universitário).

A posição correcta deste problema é a seguinte: a nossa acção visa os universitários; mas grande parte dela tem de se exercer através da Universidade, da qual depende, em larga medida mas não em absoluto, o que são os universitários. O apostolado universitário comporta pois: uma acção directa sobre os universitários, a par de uma acção sobre a própria Universidade. Ambos estes tipos de acção comportam, porém, um necessário aspecto individual, isto é, são em parte acção de indivíduos.

#### Exigências especiais do tema proposto

O estudo do tema ~~do tema~~ do próximo ano seria feito da seguinte forma.

As questões incluídas no tema - que é, como já se disse, a aplicação prática, a procura de soluções concretas da doutrina do Congresso - seriam distribuídas por dois grupos:

- a) um, de assuntos mais fáceis, que seriam entregues ás equipas;
- b) outro, de problemas mais delicados ou gerais, que seriam entregues:
  - ou a um grupo misto constituído expressamente para os estudar em cada Escola (se forem assuntos respeitantes a cada Faculdade);
  - ou a um grupo constituído no plano nacional (tratando-se de questões de índole universitária geral: ex: co-

légios maiores, serviços de colocação de diplomados, bolsas de estudos, etc.).

Quer dizer:

- em cada Secção, terá de constituir-se, além das equipas normais, uma equipa mista especializada, para estudar a parte do tema que as companhias não estudam (onde não houver habitualmente equipas jucistas, terá pelo menos de se constituir esta equipa especializada);
- a esse grupo especializado competiria igualmente receber e coordenar os resultados apurados pelas companhias (se estas existirem, evidentemente; caso contrário todo o trabalho competirá ao grupo especializado);
- o trabalho desta equipa, assim como o das companhias, ficaria sob o controle das Direcções de Secção.

As conclusões das companhias e do grupo especializado seriam enviadas às Direcções Diocesanas.

As Direcções Diocesanas, por sua vez fariam a revisão, crítica e coordenação das conclusões vindas das Secções, aprovando os textos das propostas a apresentar (sob responsabilidade das Direcções Diocesanas) aos Conselhos Escolares (quando fosse caso disso) e elaborando os textos a apresentar às Reitorias a respeito das propostas feitas aos Conselhos Escolares em cada Faculdade. Estes textos, antes de apresentados às Reitorias, seriam enviados à aprovação das Direcções Gerais da J.U.C. e da J.U.C.F..

Tanto as propostas aos Conselhos Escolares como as apresentadas às Reitorias só seriam levadas ao conhecimento desses órgãos depois de o texto elaborado pelas Direcções Diocesanas ter sido aprovado pelas Direcções Gerais da J.U.C. e da J.U.C.F.

As Direcções Gerais participariam ao Ministério da Educação Nacional as propostas apresentadas às Reitorias e Conselhos Escolares.

Depois de apresentadas às autoridades universitárias, as propostas de Secção e Diocesanas poderiam ser afixadas nas vitrinas da J.U.C.

### III - Actividades gerais

Este trabalho que se acaba de descrever não procura absorver toda



a vida das Secções : seria apenas o principal na vida das companhias.

Como problemas principais a estudar e a planear imediatamente apontam-se às Direcções Diocesanas e de Secção os seguintes:

- 1º - selecção mais rigorosa e formação mais intensa e mais universitária dos militantes;
- 2º - intensificação da vida de piedade e litúrgia;
- 3º - captação e formação dos "caloiros";
- 4º - intensificação da acção junto dos professores;
- 5º - integração mais profunda dos jucistas em todos os problemas da vida universitária; resolução dos problemas de estudo, elevação do nível intelectual do convívio universitário, problemas académicos, etc.;
- 6º - esforço máximo para intensificar a irradiação cultural das Secções;
- 7º - revisão do sistema e da orientação das bibliotecas jucistas, criação de bibliotecas em todas as Secções;
- 8º - o já atrás referido de fazer com que os jucistas vivam intensamente o apostolado universitário e o programa do ano; e compreendam bem um e outro.

Adiante, dão-se orientações sobre a maioria destes problemas, o que não dispensa um profundo esforço de reflexão dos dirigentes.

#### IV - Companhas e grupos jucistas

##### Tema de estudo

O tema de estudo das equipas (companhas) no próximo ano subordinar-se-ia à epígrafe já referida: "Para uma comunidade universitária cristã" e desenvolver-se-ia de acordo com o seguinte esquema:

1. Introdução (2 semanas):
  - a) natureza do apostolado universitário;
  - b) tarefas do apostolado universitário;



2. Problemas religiosos (3-4 semanas):
  - a) exame da situação religiosa de cada Faculdade;
  - b) revisão crítica da nossa própria posição e responsabilidades perante a situação verificada;
3. Problemas morais (2 semanas):
  - a) camaradagem;
  - b) publicações lidas pelos universitários;
4. Problemas de estudo (5 semanas):
  - a) dignidade e moralidade no estudo;
  - b) metodologia do trabalho universitário;
  - c) orientação do estudo por parte dos professores;
  - d) organização material do ensino: horários, marcação de exames, bibliotecas, outros problemas particulares de cada Escola;
5. Problemas culturais (3 semanas):
  - a) capítulos de projecção cultural das disciplinas especializadas;
  - b) intercâmbio cultural entre as várias Escolas;
6. Problemas profissionais (3 semanas):
  - a) aspectos deontológicos e sociais das disciplinas versadas nas Faculdades.

Dividindo o tema por períodos, tem-se o seguinte quadro:

1º Período	-	{	Introdução Problemas religiosos	}	-	5 semanas
2º Período	-	{	Problemas morais Problemas de estudo Problemas culturais	}	-	10 semanas
3º Período	-	{	Problemas Profissionais	}	-	3 semanas

#### Organização de estudo do tema

Cada um dos pontos do esquema anterior seria desenvolvido num texto-base e num questionário. Naquele dar-se-iam princípios teóricos fundamentais, ao passo que este seria sobretudo um guia para a observação do meio em relação a cada um dos pontos do esquema e uma orientação para a crítica dos factos observados.



As conclusões principais a que as companhias chegassem seriam anotadas em folhas especialmente fornecidas para o efeito e entregues ao grupo especializado constituído em cada Faculdade para orientar o estudo do tema do ano.

Por outro lado, essas conclusões deviam ser o ponto de partida para uma nova acção imediata das companhias orientada a corrigir a vida universitária em cada um dos aspectos estudados. Deste modo, por exemplo, o estudo que no primeiro período se fizesse de problemas religiosos constituiria o ponto de partida de um apostolado mais esclarecido e também de uma formação mais intensa dos próprios jucistas.

É essencial que se procure conseguir a realização prática de algumas conclusões principais já no próximo ano, por meio de acção pessoal ou colectiva junto das professores, de propostas concretas apresentadas aos Directores das Escolas, do exemplo e de propaganda junto de outros colegas, criando e orientando a crítica do ensino e da vida universitária, organizando campanhas, experimentando inovações, como grupos de estudos jucistas ou com elementos affectos, etc..

O Tema do ano proposto não é pois um simples Tema de estudo, mas um verdadeiro tema de acção, que em grande parte se prepara nas companhias mas exige um movimento geral de cada Secção.

Acrescente-se que, em alguns casos, havendo vantagem, se poderia alterar a ordem dos pontos abordados no tema.

### V- Militantes

O problema dos militantes reveste dois aspectos essenciais: selecção e formação. As orientações a adoptar em ordem a cada um destes aspectos dependem da missão que os militantes devem cumprir e das qualidades que têm de possuir para bem realizarem essa missão.

#### Missão e qualidades básicas

Os militantes têm por missão constituir os elementos estruturadores e dinamizadores do Organismo. Compete-lhes, a um tempo, "enquadrar" a massa jucista e lançá-la na acção.

Os militantes universitários devem possuir, além das qualidades de acção e de formação comuns a todos os militantes de acção católica (entre as quais se destaca uma vida interior profunda), três qualidades especiais:



- capacidade intelectual superior
- mentalidade católica
- cultura



O- exame do panorama actual dos nossos militantes aponta-nos deficiências enormes em relação a cada um destes pontos. Muitos militantes actuam sem pensar sobre os problemas, aplicando "receitas" ou seguindo impulsos de momento. Outros não sabem dar uma palavra cristã sobre os problemas de todos os dias e alguns nem sequer percebem que relação pode existir entre a Fé e os problemas do mundo (por exemplo, da Universidade). No tocante a cultura, tem de confessar-se que os militantes jucistas frequentemente não se distinguem do universitário médio que, como se apurou pelos inquéritos do Congresso, possui um nível cultural muito baixo.

Isto significa que todos os nossos métodos de selecção e formação de militantes têm de ser revistos em ordem a obter militantes com as qualidades essenciais acima referidas.

Problemas de selecção

Fundação Cuidar o Futuro

A primeira razão a considerar é que o recrutamento de militantes não pode fazer-se segundo o critério aritmético das necessidades de enquadramento. Uma escolha que se baseasse essencialmente na necessidade de estabelecer determinada proporção entre o número de militantes e o número de jucistas, estaria errada por duas razões:

- 1ª - porque um militante que não é verdadeiro militante (quer dizer: que não possui as qualidades indicadas) de facto não enquadra a massa;
- 2ª - porque o "enquadramento" da massa também se pode fazer com o auxílio de "sub-militantes" (como chefes de companhia, encarregados de determinados serviços, etc.).

Ao número dos militantes deve pertencer apenas um escol - e é o facto de um jucista possuir ou não as aptidões que o classificam como membro desse escol que o recomenda para militante e não o haver necessidade de "mais um militante".

Descongestionar o corpo dos militantes e transformá-lo num corpo de elite é o que importa fazer imediatamente.

## Problemas de formação



A parte formativa das reuniões de militantes tem de ser repensada em ordem ao desenvolvimento daquelas qualidades que se reputam essenciais para a formação do militante. Mais concretamente:

- o militante deve aprender a pensar nos problemas - o que pode conseguir-se por discussões orientadas sobre um texto ou sobre uma exposição oral;
- deve adquirir o modo cristão de encarar os problemas concretos com que depara - o que se realiza por aqueles mesmos meios ou por artigos de formação nos boletins;
- deve sobretudo adquirir o sentido da sua formação intelectual e cultural como dever de consciência (o disciplinar-se intelectualmente e o cultivar-se devem estar para ele no mesmo plano em que se encontram os deveres de estudo) - o que, até certo ponto, pode conseguir-se através da parte espiritual das reuniões de militantes, e de temas de meditação devidamente orientados.

## Reuniões Gerais

### Orientações gerais

As Reuniões Gerais e Círculos de Estudo devem exercer uma acção essencialmente formativa.

Esta acção comporta dois aspectos:

- 1º - criar a consciência dos problemas fundamentais;
- 2º - fornecer conhecimentos e dar orientações sobre esses problemas.

Os grandes problemas ou não vivem ou vivem apenas nebulosamente no espírito dos universitários, incluindo os próprios jucistas e ressaltado um pequeno escol. Levantar os problemas e defini-los com nitidez é, portanto, o primeiro que há a fazer.

A utilidade das R.G. e Círculos está condicionada por vários factores:

- 1º - possibilidade de dar sequência às R.G., de modo que os problemas cuja consciência se começou por criar possam encontrar soluções <sup>ou caminhos de solução</sup> em R.G. ou Círculos seguintes - necessidade de, nas Secções, se planearem durante as férias todas as reuniões do ano;
- 2º - possibilidade de "continuar" a acção formativa começada na R.G. ou Círculo por uma acção posterior dos militantes - para estes, a R.G. será sempre um ponto de partida para uma acção pessoal;
- 3º - escolha dos temas, que deve procurar atender às preferências dos universitários reveladas através dos inquéritos (temas sociais e religiosos) - necessidade de estudar as conclusões sobretudo do relato "problemas culturais" e as respostas dos inquéritos de cada Secção;
- 4º - preparação das R.G. e Círculos - as reuniões devem ser precedidas pela distribuição de esquemas com os tópicos do tema e indicação bibliográfica pequena e acessível;
- 5º - modo de abordar os temas - por ser muito baixo o nível cultural geral do universitário, deve começar-se por questões elementares, e quanto possível por problemas concretos e não por princípios teóricos; por outro lado, os temas religiosos devem ser abordados fóra duma secura teológica ou filosófica de rigor, mas de preferência em relação directa com os problemas da vida (crise da adolescência, vida moral do jovem, etc.) ou através de ligações com a Ciência e de opiniões ou teses de cientistas.

### Temas

É necessário que se estudem em Reuniões Gerais ou Círculos de Estudo os seguintes temas em todas as Faculdades:

Vocação Universitária ( )  
Apostolado Universitário } - no 1º período

Convinha muito uma reunião sobre

Métodos de Trabalho Universitário,

a realizar no 2º período, na altura em que nas companhias se estudam pro-



blemas de estudo.

Nas Faculdades onde não seja possível este ano organizar cursos de deontologia, responsabilidades sociais, aspectos culturais das próprias cadeiras dos cursos, etc., convinha estudar a possibilidade de estes assuntos serem tratados em R.G.

Em todas as Secções, haveria também vantagem em estabelecer ligação entre os temas das R.G. e o estudo do tema do ano nas companhias e na equipa especializada.

### VII - Cursos de Faculdade

#### Temas

Nas várias Faculdades deve a J.U.C. procurar organizar cursos que supram as deficiências da Universidade e corrijam os seus erros.

Concebem-se três ordens de temas para esses cursos:

- cursos que completem, dum ponto de vista cultural e doutrinário, os dados científicos do ensino (dando a orientação cristã sobre os problemas estudados na Universidade);
- cursos sobre temas fundamentais que a Universidade ignora (problemas sociais, problemas filosóficos, etc.);
- cursos sobre temas versados em certa Faculdade mas de interesse também para outras (por exemplo, aspectos económicos ou sociológicos de assuntos estudados no I.S.T. ou na Faculdade de Direito).

#### Organização

Regime preferível: duas aulas por semana, durante um período relativamente limitado.

Funcionando dentro dos próprios edifícios universitários.

Abertos a todos os universitários, podem no entanto revestir duas formas: ou a de cursos-ciclos de conferências, de frequência ilimitada e grande projecção; ou a de cursos-círculos de estudo, de frequência reduzida e acção mais intensa que larga.

Para os cursos-círculos de estudo, aponta-se como problema fundamental o da selecção dos inscritos: é preciso evitar quanto possível a



inscrição de simples curiosos ou de estudantes que não possam suportar certo nível de discussões. A propaganda dos cursos terá, portanto, ao mesmo tempo, de dirigir-se a todos aqueles a quem os cursos podem de-  
veras interessar e evitar que pretendam inscrever-se os que só cons-  
tituiriam um peso morto. Um critério de selecção que se oferece à pri-  
meira vista é o de limitar as inscrições para determinados cursos ape-  
nas aos alunos de certos anos (por ex.: do 2º ou do 3º em diante).

#### Época de realização

Em princípio, devem as Secções procurar organizar os seus cursos no período que medeia entre o Natal e o Carnaval e, fóra desse prazo, apenas mediante acordo com a Direcção Diocesana.

### VIII - Cursos Diocesanos

A necessidade de "catequizar" num plano universitário e a orien-  
tação que convém dar aos cursos de Faculdade no próximo ano apontam a  
necessidade de, no plano diocesano, se organizarem:

a) No 1º período:

um curso geral sobre:

"O catolicismo e o homem moderno"

com as seguintes características:

- 5-6 lições, de preferência a 2 por semana;
- exposição em linguagem e maneira modernas dos problemas e ideias essenciais da concepção cristã do mundo e do homem (K. Adam ou Guardini dão ideia da índole que se preconiza).

b) No 2º período (depois do Carnaval):

um curso geral sobre:

"A Fé e a Cultura no mundo de hoje"

com as seguintes características:

- 4-5 lições, de preferência a 2 por semana;
- índole: ciclo de conferências;
- exposição da presença dos católicos e do pensamento católico na cultura contemporânea (Filosofia, Literatura, Ciência) e dos conflitos que surgem, com os caminhos de solução.

Ambos estes cursos devem ser realizados em edifícios universitários ou habitualmente usados para actos universitários.

Dada a dificuldade de organizar o curso referido em b), a D.G. propõe que ele se organize de colaboração entre as três Direcções Dio-



cesanas, indo os mesmos Prof., quando não todos pelo menos alguns, a Lisboa, Coimbra e Porto.



## IX - Vida de piedade e litúrgica

- a) das Secções
- b) Diocesana

Além de se reconhecer necessidade de intensificar a acção dos Retiros e Recolecções (insistindo-se para estas na necessidade de conseguir unidade e sequência lógica das meditações ao longo do ano) sugere-se a realização de Missas periódicas (tendendo para mensais) para a J.U.C. e para a J.U.C.F., com dialogação, canticos, hora de prima e acção de graças colectiva e aproveitando determinadas Festas litúrgicas de especial sentido.

Sugerem-se as seguintes Missas:

- de dedicação do ano lectivo
- Conversão de São Paulo
- São Tomás de Aquino
- Comunhão Pascal
- Bênção das Pastas

Conviria que as práticas destas Missas fossem escolhidas de modo a adaptar-se simultaneamente à natureza da Festa celebrada e às exigências da vida universitária. Assim, por exemplo:

- na Missa de dedicação - o sentido da liturgia na vida
- na Conversão de São Paulo - a virilidade do apostolado
- na Festa de São Tomás - a coerência entre a vida e o pensamento como condição da própria coerência e elevação do pensamento
- na Comunhão Pascal - o Corpo Místico
- na Bênção das Pastas - responsabilidades profissionais.

## X - Bibliotecas

### Importância

As Bibliotecas da J.U.C. desempenham uma função importantíssima, por diversos motivos:

- 1º - porque se apurou através dos inquéritos que os universitários compram muito poucos livros (portanto, temos de lhes emprestar);

- 2ª - porque as escassas fontes bibliográficas a que os universitários (incluindo os próprios jucistas) podem recorrer, fornecem em regra obras de escasso interesse cultural e sobretudo mais frequentemente anti-cristãs do que cristãs;
- 3ª - porque, apesar do baixo nível cultural da "massa" universitária, é sensível entre a maioria um interesse mais ou menos grande por leituras, que temos o dever de aproveitar.

\* Financiamento e Organização.

Por todos os motivos indicados anteriormente, é absolutamente necessário que a J.U.C. se empenhe no próximo ano em enriquecer as bibliotecas que já possui e criar novas bibliotecas (nas Secções onde faltam ainda).

A experiência ensina-nos que, a respeito do seu financiamento:

- a) não conseguem progredir as bibliotecas cujas receitas saem do orçamento das Direcções da J.U.C.;
- b) têm produzido resultados notáveis as bibliotecas que criaram receitas próprias.

A conclusão é evidente: procurem as Direcções criar bibliotecas alimentadas por um sistema de quotas, a exemplo do que se fez nas Faculdades de Ciências e Letras de Lisboa.

Por outro lado, também estão provadas definitivamente as vantagens das bibliotecas dotadas de regulamento escrito e confiadas a uma equipa ( direcção ) especializada.

Procurem, portanto, as Direcções:

- 1ª - elaborar um regulamento para a sua biblioteca (horário, sistema de requisições e devoluções, multas a retardatários nas devoluções, atribuições determinadas da direcção, etc.)
- 2ª - nomear desde já uma equipa responsável que assegure a montagem e organização da biblioteca e assegure também, com a colaboração de outros jucistas, o serviço permanente da Biblioteca.

As bibliotecas devem estar anexos serviços de propaganda dos li-



vros, nomeadamente:

- a) afixação das listas de aquisições;
- b) afixação de listas bibliográficas sobre determinados temas;
- c) exposição de livros nas vitrinas das Secções ou em vitrinas privativas das bibliotecas.

Orientações para a aquisição de livros

As aquisições de livros devem atender ao seguinte:

- 1º - há toda a vantagem e grande necessidade de que as bibliotecas da J.U.C. possuam obras que completem, dum ponto de vista doutrinário, os dados científicos do ensino - Exemplos: Na Faculdade de Medicina, obras de deontologia médica; em economia, obras de doutrina económica e moral económica;
- 2º - igual vantagem oferecem os livros que se ocupam dos grandes problemas ideológicos, sociais e morais que a Universidade, em Engenharia, todas as questões referentes às relações humanas no interior das empresas ou aos problemas humanos e sociais da técnica; em Letras, a Filosofia da Educação e as responsabilidades dos professores;
- 3º - todas as bibliotecas da J.U.C. devem possuir um núcleo de obras sobre espírito e métodos da vida intelectual (citam-se Sertillanges, Chavigny, Guitton, etc.), assim como sobre problemas universitários;
- 4º - a escolha de livros de cultura geral, deve atender às preferências dos universitários; estas, que variam de Escola para Escola, sujeitam-se no entanto às seguintes linhas gerais:
  - a) nítida preferência pela Literatura: não só Romance, mas, mais ainda, a Biografia e os Diários e Confissões;
  - b) grande dificuldade em abordar obras de pura especulação filosófica e teológica;





- c) tendências a abordar os temas religiosos através de obras de cientistas (ex: Carrel, Lecomte du Nouÿ, etc.) ou de testemunhos e confissões (ex: Raïssa Maritain, Merton, Carrel, S, Agostinho, etc.);
- d) interesse por obras de divulgação científica.

5º - parece igualmente indispensável que as bibliotecas possuam obras de formação religiosa fundamental (pois a ignorância religiosa é geral entre os universitários) e livros de meditações (sendo preferíveis, entre estes, os de pequena extensão).

### Escolha dos livros

As aquisições de livros devem sempre ser aprovadas pelo Rev. Assistente. O serviço de orientação cultural da D. G., a criar no próximo ano, poderá fornecer às direcções listas de livros sobre o assunto que lhe for indicado.

## Fundação Cuidar o Futuro

